

## **Santo Tomás de Aquino e a fé na mística e no Carmelo**

***Frei Davi Santos Morais, O.Carm***

### **Resumo**

O presente artigo trata da visão de fé segundo Santo Tomás de Aquino, o grande doutor da Igreja, e como o seu pensamento influenciou a mística em geral e também, concretamente, no Carmelo. Primeiramente, apresentamos a fé e a mística sob o prisma da vida interior. Em seguida, nos voltamos para a fé, como virtude teologal, segundo Santo Tomás de Aquino, e a fé nos místicos do Carmelo, visando mostrar a influência direta e indireta, em termos de mística e fé, daquele nestes.

**Palavras-chave:** Mística. Fé. Interioridade. Vida espiritual.

### **Sommario**

Il presente articolo tratta della visione della fede secondo San Tommaso d'Aquino, il grande dottore della Chiesa, e di come il suo pensiero abbia influenzato la mistica in generale e anche, concretamente, nel Carmelo. In primo luogo, presentiamo la fede e la mistica dalla prospettiva della vita interiore. Quindi, ci rivolgiamo alla fede, come virtù teologale, secondo San Tommaso d'Aquino, e alla fede nei mistici del Carmelo, con l'obiettivo di mostrare l'influenza diretta e indiretta, in termini di mistica e fede, di San Tommaso in quei mistici.

**Parole chiave:** Mistica. Fede. Interiorità. Vita spirituale.

## Introdução

Tomás de Aquino, nasce Roccasecca, 1225 e falece em Fossanova, 7 de março de 1274), foi frade da Ordem dos Pregadores (dominicanos) cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica, e que, por isso, é conhecido como Doctor Angelicus, Doctor Communis e Doctor Universalis. Ele foi um dos maiores pensadores clássicos da teologia natural. Sua influência no pensamento ocidental é considerável e muito da filosofia moderna foi concebida como desenvolvimento ou oposição de suas ideias, particularmente na ética, lei natural, metafísica e teoria política.

Abraçando as ideias de Aristóteles - a quem ele se referia como "o Filósofo" - Tomás tentou sintetizar a filosofia aristotélica com os princípios do cristianismo. As obras mais conhecidas de Tomás são a Suma Teológica e a Suma contra os Gentios, seus comentários sobre as Escrituras e sobre Aristóteles também são parte importante de seu *corpus* literário. Além disso, Tomás se distingue por seus hinos eucarísticos.

Para muitos, o pensamento de Tomás de Aquino se mostra de difícil compreensão. Tomás é um pensador da Idade Média e, portanto, possui uma maneira diferente de falar e escrever, o que não quer dizer que seja impossível de ser lido e compreendido. Como nenhum outro, Tomás sistematizou a teologia e a filosofia, a concepção de fé e razão que temos hoje.

Uma das vias da teologia é a mística, que segundo o pensamento de um Carmelita do século XVII, frei Domingos de Santo Alberto, "é a ciência do coração", isto é, o pensamento reflexivo que trata das coisas voltadas para o interior, para o coração. Até onde sabemos, Tomás não chegou a escrever um trabalho de mística, embora não se possa negar que ele tenha sido um grande místico, que muito ajudou a outros que vieram depois dele a compreender a mística.

O Carmelo sempre recebeu inspiração de Tomás de Aquino. Percebemos isso nos escritos e pensamento dos místicos da Ordem dos Carmelitas e é de sublime beleza ver que tais místicos se aproximam de Tomás para com ele aprender e, assim, poder subir o Monte da Perfeição Cristã.

### 1. Fé e mística na vida interior

Lembremos inicialmente da "definição" de fé que encontramos na carta sacerdotal do Novo Testamento: a cartas aos Hebreus. Ali se diz que a fé é a certeza da posse daquilo que não se vê, a firme convicção de coisas que se esperam.

Com o decorrer dos anos, a visão e os conceitos sobre fé foram sendo transformadas e assim aperfeiçoaram-se ainda mais. Ter fé ou proclamá-la publicamente significa abraçar toda uma herança e história humana e divina que sobressai ou pelo desafia os nossos entendimentos. No catecismo da Igreja católica encontramos a seguinte explanação sobre a fé,

Quando professamos nossa fé, começamos dizendo: eu creio ou nós cremos. Por isso, antes de expor a fé da Igreja tal como ela é confessada no credo, celebrada na liturgia, vivida na prática dos mandamentos e na oração, perguntamo-nos o que significa crer. A fé é a resposta do homem a Deus que se revela e a ele, que se doa, trazendo ao mesmo tempo uma luz superabundante ao homem em busca do sentido último de sua vida. (CATECISMO, 1998, p. 21).

Este fragmento do catecismo da Igreja católica já aponta para a fé um itinerário místico que leva o homem a mergulhar no seu interior e descobrir a maior de todas as riquezas de sua existência: o amor de Deus expresso pelo seu doar-se. A profissão de fé manifesta o meu crer, assim como também o conteúdo do crer, do meu ato de fé. Crer significa na linguagem dos místicos trazer para a vida aquilo que com a boca se professou. Para os místicos a fé e a vida não se separa. Parafraseando o evangelho, podemos dizer que os místicos possuem um pouco de Marta e Maria, de contemplação e de ação unidas num só dom.

Em nossos dias vivemos uma crise de fé. Muitas pessoas que dizem professar o Credo não sabem realmente o significado das verdades contidas nos seus enunciados. E aqui entramos em uma outra via da fé que é a liturgia. Uma autêntica liturgia é celebrada não apenas no altar do presbitério, mas também e sobretudo no altar da vida. O significado de crer passa necessariamente pelo ato de trazer à própria vida aquilo que trazemos nos lábios. Certa vez perguntaram ao Papa Bento XVI o que era ter fé, e ele prontamente respondeu afirmando que ter fé significa encontrar-se com Cristo. Essa expressão do Papa vem ao encontro do que diz o Catecismo na medida em que este afirma que a fé deve ser a resposta do homem a Deus que *se revela* e que em seu amor se doa totalmente, encarnando-se em nossa realidade humana.

Fé e mística caminham juntas. A mística é o ato experiencial daquilo que se crê, ou seja, é experiência de Deus. Mistagogo é, portanto, alguém que faz a experiência do e com o divino, e a faz na fé. Assim, a fé é a alma da mística, a vida do mistério e no mistério. Por isso é capaz de atravessar as "noites escuras" dos sentidos como dom dos Céus e como caminho de encontro com Deus, encontro este que dá sentido à existência do homem.

Segundo o Dominicano Fray Juan Gonzalez Arintero, OP, a mística passa por evoluções. Isso significa que a fé também evolui, ganha profundidade, solidez. Com isso não queremos dizer que a fé muda e perde

sua essência, mas sim que antes ela vai ficando raízes mais profundas na medida em que o dom de Deus vai ocupando o centro do existir do fiel.

Místico é o mesmo que recôndito. Vida mística é a misteriosa vida de graça de Jesus Cristo nas almas dos fieis que, morrendo para si mesmas, com Ele vivem escondidas em Deus (Col 3,3); ou mais propriamente: é a íntima vida que experimentam as almas justas, como animadas e possuídas pelo Espírito de Jesus Cristo, recebendo cada vez melhor e sentindo às vezes claramente seus divinos influxos- saborosos e dolorosos – e com eles crescendo e progredindo em união e conformidade com Aquele que é sua Cabeça, até ficarem n'Ele transformados. (ARINTERO, 2019, p.87).

Sem a vivência da fé a compreensão de mística e do ser místico não passaria de palavras bonitas, mas sem espírito de vida. Somente a fé torna possível este viver escondido ou esta íntima relação de amor que pode ser experimentada na vida das almas justas.

Arintero continua:

Por evolução mística entendemos todo o processo de formação, desenvolvimento e expansão dessa vida prodigiosa, 'até que se forme Cristo em nós' (Gal 4, 19), e 'nos transformemos em sua divina imagem' (II Cor 3,18). (ARINTERO, 2019, p.87).

Esta evolução mística é a vida de fé que habita o coração do homem, levando-o a descobrir-se em Deus e Deus nele mesmo, no mais profundo de seu interior.

A vida de fé é necessária ao homem que crê, pois a fé é como uma bússola ou mapa que guia a vida interior e transforma a vida exterior. Isso vemos de forma clara em Santa Teresa Benedita da Cruz. Quando esta perde a fé, tudo começa a caminhar em outro sentido até chegar ao ponto de que ela se vê a-teia. Certamente podemos nos perguntar se Teresa perdeu mesmo a fé, já que o seu a-teísmo também pode ser entendido como um *não* ao Deus que lhe fora apresentado, não necessariamente ao Deus vivo e verdadeiro. Ela mesma dirá mais tarde que o que mais procurava era encontrar a verdade, e que a busca pela verdade é a busca pelo próprio Deus.

Comentando a formação da pessoa em Teresa Benedita da Cruz, Sberga conceberá a fé como guia para o percurso do conhecimento daquilo que é o núcleo interior, a fé então para Teresa será,

uma dupla significação para a ciência: em primeiro lugar, há de ser uma norma para sua medida, uma norma que 'livra e defende a razão de erros': em segundo lugar, a fé há de servir de

complemento, pois proporciona a resposta a algumas questões que não são solucionáveis para a razão natural. (Sberga, 2003, p. 40).

Para Teresa Benedita da Cruz só é possível definir a autenticidade cristã sob o olhar da fé. A fé conduz o homem a participar da graça, o engendrando-o na vida Deiforme, isto é, na vida divina ou deificada. O cristão autêntico não tem que ser apenas homem natural (entendido por natural a natureza reinstaurada em sua condição original de perfeita harmonia), mas homem sobrenatural, isto é, homem que pela graça, participa da vida de Deus, homem no qual já teve início a vida eterna, já na existência terrena.

Ao se deter sobre a primeira virtude teologal: a fé, o teólogo italiano F. Anastasio Balestrero, OCD, dirá que a fé é um dom de Deus e uma decisão da vontade.

Crer que a fé se reduza a aceitar tudo aquilo que a Igreja ensina, é muito pouco. O que ensina se ensina melhor com o ato de fé. Que coisa é a fé? É a decisão da mente a Deus: crer que Deus ensina, aceita e ensina a compreender o que Ele revela. É uma coisa muito simples. (BALESTRERO, 1973, p. 17).

A fé, é um dom próprio, não é uma imposição, não é uma coisa violenta e tirânica, mais uma coisa afetuosa e que exige a adesão livre da vontade.

A adesão do intelecto a luz de Deus completa o ato de fé, o qual se revela mais ou menos na sua imensa riqueza: dom de Deus, decisão da vontade, adesão da inteligência. (Ibid., p. 19)

Essa adesão livre e total do intelecto à fé nos leva a mergulhar no mistério do Deus que se faz verdade, que nos ilumina e faz com que o nosso interior e nosso intelecto estejam repletos do mistério d'Ele mesmo. O desejo de Deus que falávamos no início será possível pela vivência do ato de fé inteiramente livre e aberto à transformação segundo a vontade d'Aquele de onde procedem todas as virtudes.

## **2. A fé segundo Santo Tomas de Aquino**

Não temos dúvida acerca da influência que Tomás de Aquino exerceu sobre a teologia e a filosofia. É praticamente impossível pensar teologia e filosofia sem se deter, por pouco que seja, no pensamento de Tomás, quer tenha alguém grande simpatia por ele, quer não.

Sobre a fé, diz Tomás de Aquino,

O objeto da fé pode ser considerado de dois modos: um, por parte do objeto crido, e então é algo incompleto, isto é, é a própria coisa

que se crê; outro, por parte do crente, e, sob este aspecto, o objeto da fé é algo complexo em forma de enunciado (S.Th, II-II, q.1).

E ainda,

O ato do crente não termina no enunciado ou palavras, mas na realidade, já que não formamos enunciados senão para alcançar conhecimentos das coisas; assim ocorre na ciência e assim ocorre na fé (S.Th, II-II, q. 1, a.2, ad 2).

Para Tomás de Aquino, as verdades de fé são tangíveis à revelação cristã e não se pode chegar a elas apenas pelo uso da razão, porém nem todas as verdades podem ser atingidas assim, considera ainda Tomás. Para ele existem também as chamadas verdades naturais de teologia.

O objeto da fé é a verdade divina, que em si é simplíssima. Mas nosso entendimento a recebe a seu modo, isto é, por via de composição; e assim, através da composição feita, tende à primeira Verdade como a seu próprio objeto. A fé não termina na casca das palavras, mas na substância da realidade. A realidade é sempre a mesma, as palavras ou enunciados podem ser diferentes. (S.Th. II-II, q.1, a.1).

Percebemos aqui duas coisas de sublime importância. Primeiro Tomás faz notar a profundidade, a interioridade, aquilo que nasce de dentro, da essência, do encontro interior com Deus. Ele mesmo reconhece que a casca por si só não serve de muita coisa, mais se a casca conduz a uma interioridade e profundidade ela ganha sentido e razão de ser. Na vida espiritual não é muito diferente da forma de pensar de Tomás, ou se tem essência ou casca ficará seca e começará a se espedaçar por inteiro. Segundo Tomás faz notar que o importante é aquilo que é interior, isto é, a realidade da fé sempre será a mesma, e, no entanto, a forma de pensá-la pode diferenciada sem perder a sua essência, de modo que seja acessível a todos. Para Tomás, a fé é simples, por que Deus é simples.

A fé exerce um papel de capital importância na conservação da pureza. Para Tomás, a fé tanto purifica como conserva a pureza interior. A impureza tem lugar quando de forma desordenada o homem se entrega a objetos que são inferiores, objetos apenas exteriores.

A fé, ainda informe, exclui certa impureza a ela oposta, que é a impureza do erro, que tem lugar quando o entendimento humano se adere desordenadamente a objetos inferiores; isto é, quando pretende julgar as coisas divinas segundo o modo dos seres sensíveis. (S.Th. II-II, q.1, a.2).

São João Paulo II, quando ainda padre e doutorando em teologia, elaborou sua tese na concepção tomista da fé por referência a São João da Cruz. Para ele, a fé não exclui a obscuridade, e Tomás de Aquino não nega isso. O jovem doutorando afirma que o entendimento é trabalhado pela via da meditação que sempre caminha com a fé. Ao falar sobre a fé, João Paulo II dirá que esta não caminha separada daquilo que é obscuro, a fé usa daquilo que é penumbra e obscuro para conduzir aquilo que faz parte do mistério.

O entendimento adere pela fé à "substância" das verdades reveladas. Porém esta substância não pode ser claramente penetrada. A obscuridade é condição essencial da fé. Não obstante, o entendimento se projeta naturalmente à obtenção clara do objeto. Com relação às verdades reveladas, o entendimento se exercita na 'meditação', sempre potencializado pela luz da fé, porém ao mesmo tempo sem sair dos limites da adesão obscura. Pode acontecer que alguma vez o entendimento abandone seu próprio esforço natural e se concentre todo, em 'obediência' à fé, na adesão às verdades reveladas, à forma intencional ilimitada e obscura, à "substância" do revelado. Porém isto já transcende o modo natural de conhecer. Tem uma causa sobrenatural, pois o entendimento na contemplação suspende, de certo modo, sua própria atividade natural. Está em perfeito "vazio", em perfeita desnudez psicológica. E neste estado é que se adere, sem a barreira da inteligência natural, à "substância" das verdades reveladas. Produz-se então o "toque" de Deus no entendimento passivo, a redundância e a fruição da "notícia amorosa", da "substância apreendida"; "substância", pela pureza psicológica da fé; "apreendida", não pela obtenção do objetivo divino, mas pela redundância da caridade. Em suma: entendida por amor. (WOJTYLA, 1947, p. 356).

Fray Juan Gonzáles Arintero, OP, fala da influência de Tomás de Aquino em Teresa de Jesus e João da Cruz.

A esses tão excelentes montes de santidade e de luz, tão radiantes com resplendores divinos, parece como que os regou e tomou mais amenos com o mais elevado e seletivo de sua doutrina, para que eles pudessem logo, com tino e segurança, saciar plenamente a terra de tantos sedentes. (ARINTERO, 2020, p. 20).

Parece-nos um pouco exagerado a fala deste dominicano a respeito de Tomás de Aquino. Mais aqui levamos em conta não o fato de Fray Arintero, vestir o mesmo Hábito que Tomás, mais antes o reconhecimento da doutrina e profundidade que Tomás exerce na vida e pensamento dos místicos, sobretudo de Teresa de Jesus e João da Cruz.

Fray Arintero continua a lista de elogios a Santo Tomás dizendo:

Todos os grandes místicos, por muito que fossem suas próprias luzes e altíssimas as notícias infusas que no trato íntimo com Deus receberam, sentiram, como o próprio João da Cruz adverte, a necessidade de se assegurarem com a autoridade de algum mestre: e nenhum se compara com o Comum Doutor Aquino, pois todos sabem muito bem que quem lhe segue vai muito seguro, e aqueles que dele se afastam se tornam mais ou menos suspeitos, conforme disse um Sumo Pontífice. Assim vemos quantos ânimos e quanta segurança recobrava a mística Doutora cada vez que consultava os grandes teólogos dominicanos. Por cujas bocas encontrava Santo Tomás. De onde resultava se ver ela sempre no fundo tão inspirada por ele, embora sem se dar conta disso nem, portanto, se parecer a ele em quase nada na forma, que sempre costuma lhe ser própria e original. (ARINTERO, 2020, p. 21).

### **3. A fé nos místicos do Carmelo**

Dissemos que a mística é como um corpo e por sua vez a fé traz vida a este corpo. A vida espiritual compreendida a partir do Carmelo se faz como uma caminhada de fé e na fé. Sem a vivência da fé como ato de encontro com Deus, que transforma o interior e faz do ser humano um caminhante na noite da própria vida espiritual, não se consegue progredir em nada. Podemos perceber a importância da fé nas entrelinhas de um dos poemas de João da Cruz, no qual ele prega o total desapego e renúncia de si mesmo para se chegar a algum lugar e possuir um bem maior, vejamos;

Para chegares a saber tudo, não queiras saber coisa alguma. Para chegares ao que não gostas, hás de ir por onde não gostas. Para chegares ao que não sabes, hás de ir por onde não sabes. Para vires ao que não possuis, hás de ir por onde não possuis. Para chegares ao que não és, hás de ir por onde não és. Modo de não impedir o tudo: Quando reparas em alguma coisa, deixas de arrojarte ao tudo. Porque para vir de todo ao tudo, hás de negar-te de todo em tudo. E quando vieres a tudo ter, hás de tê-lo sem nada querer. Porque se queres ter alguma coisa em tudo, não tens puramente em Deus teu tesouro. (JOÃO DA CRUZ, 2002, Poema 1).

Com um olhar mais aguçado é possível perceber aqui neste pequeno poema do místico doutor que aquilo que Tomás fala de adentrar a casca para tocar na substância é alcançável. João da Cruz traça aqui um itinerário de vivência da fé como um ato de desnudamento de tudo aquilo que é exterior para se chegar ao interior iluminado pela luz da fé.

Teresa de Jesus, outra grande referência da vida religiosa carmelita, é uma mulher autêntica e de firme determinação. Depois de viver seu processo de conversão, começa a reforma do Carmelo. Teresa, depois de pensar os diversos estágios na/da vida espiritual que ela mesma relata na sua obra prima o Castelo Interior, chega àquilo que ela chama de sétima



morada. Tendo passado pelo início da vida espiritual, pelos sabores e êxtases da vida mística, passado ainda pelo matrimônio espiritual, Teresa, agora na última morada, não sente mais nada, não mais êxtase, não mais tem visões nem arrebatamentos, nada. Teresa agora vive de fé. A fé será a grande força da caminhada de Teresa de Jesus, a que guiará sua vida interior, agora bem mais do que antes.

Outro Carmelita não tão conhecido no Brasil, mas que já exerceu forte influência na formação espiritual e intelectual de muitos Carmelitas, foi Frei Breninguer, O.Carm. Dele citamos a seguinte passagem:

Pelas coisas criadas, se pode com a luz natural da razão humana, vir ao conhecimento de Deus Uno e Verdadeiro, Criador e Senhor nosso. Porém tal conhecimento desde que fomos elevados a ordem sobrenatural, não nos basta para conseguirmos nosso ultimo fim. Por isso se diz que sem fé é impossível agradar a Deus (Heb, 11, 6; Regra do Carmo, cap, 14). Assim pois a fé é o princípio da salvação do homem e do fundamento e raiz de toda justificação. Quanto mais profundamente se trabalha sobre este fundamento, mais alto será o edifício da perfeição. (BRENINGUER, 1966, p. 301).

Ainda um outro Carmelita, influenciado pela teologia de Tomás de Aquino, é o Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus, OCD. Ele fala da oração sobre o olhar da fé. A fé será a grande força da oração, e esta é contato íntimo com Deus. Sem a virtude da fé não é possível este contato.

A oração é contato com Deus, que estabelecemos através da atividade de fé, recebida no batismo e que faz parte do nosso organismo sobrenatural. Essa atividade de fé, no entanto, não pode ser exercida, sem a inteligência, cuja atividade é subordinada à dos sentidos. O contato com Deus, que é a oração, realiza-se, portanto, através da atividade de nossas faculdades naturais e sobrenaturais. (EUGÊNIO, 1990, p. 87).

Por último, mas não menos importante, citamos Frei Gabriel de Santa Maria Madalena, teólogo italiano de tradição Tomista que diz:

A fé, como visão beatifica, é uma comunicação da ciência divina que nos é concedida: como Deus conhece necessariamente as criaturas em relação consigo mesmo, assim também a fé no-las apresenta dependentes d'Ele, de reto, uma visão do mundo muito mais compreensiva e real do que a das criaturas, isto é, das causas segundas separadas de Causa primeira. (GABRIEL, 2017, p. 113, 114).

Um tanto implicitamente percebemos a influencia do pensamento de Santo Tomás em autores como Gabriel. A percepção de fé de Tomás de Aquino influenciou de tal modo a vida do Carmelo que as constituições da reforma de Touraine na França indicavam a leitura de Tomás de Aquino na capela, no refeitório e nos jardins, como doutrina sã, por meio da qual podiam caminhar os frades sem medo de errarem. Muitos Carmelitas ouviram essas palavras e levaram a sério tal pedido, fazendo devotamente a leitura da doutrina de Tomás de Aquino com uma fonte de inspiração e guia seguro nas reflexões teológicas.

### **Considerações finais**

Este artigo é uma pequenina faísca para instigar a curiosidade e o desejo de aprofundar o tema da fé segundo Tomás de Aquino e os místicos do Carmelo. Muito ainda teria que se dizer a respeito.

Todos eles partiram de uma experiência comum: a intimidade com Jesus. Sem ela jamais teriam sido quem foram. Tomás de Aquino, por mais sábio que seja, reconhece que tudo nele vem do seu Criador e que sem Deus ele nada seria, bem como nenhuma relevância teria os seus escritos. De modo semelhante pensavam os místicos do Carmelo. O reconhecimento da própria miséria e pequenez diante de Deus é constitutivo da vida carmelita.

É preciso lembrar que a fé passa por evoluções, como diz Fray Arintero, OP. É preciso não se apegar às cascas e, assim, tocar a essência do ser, com bem formulou Santo Tomás. Não tenhamos medo das trevas da fé. Elas nos conduzem sempre mais para o interior de nosso *eu*. Aí podemos nos encontrar com Aquele que é a razão da vida e de toda atividade espiritual e intelectual, assim como o foi com Tomás de Aquino e com todos os místicos, não só do Carmelo, mas de toda a Igreja de Cristo.

### **Referências**

ARINTERO, Juan González, OP. *A evolução mística*. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2019.

ARINTERO, Juan González, OP. *A influência de Santo Tomás na mística de São João da Cruz e Santa Teresa de Jesus*. Trad. José Eduardo C. de B. Carneiro. Campinas: Cristo e livros, 2020.

BALLESTRERO, Anastasio, OCD. *Un curso di esercizi spirituali*. Roma: Carmelo San Giuseppe, 1973.

BREINGUER, Giovanna Maria. *Directorio Carmelita de Vida Espiritual*. Madrid: Ediciones Carmelitanas, 1966.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola / Ave Maria, 1998.

GABRIEL de Santa Madalena. *A União com Deus segundo São João da Cruz*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

EUGÊNIO do Menino Jesus-Maria. *Ao Sopro do Espírito Santo, oração e ação*. São Paulo: Paulus, 1990

SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras Completas*. Petrópolis. VOZES. 2002. In: <https://formacao.cancaonova.com/diversos/para-chegares-a-saborear-tudo/>

SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa humana em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2003.

TOMÁ de AQUINO. *Suma Teológica*. v. I, parte I. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

WOJTYLA, Karol / JOÃO PAULO II. *A doutrina da fé segundo São João da Cruz*. Tese de dissertação para obtenção do grau de Doutor em Teologia. Roma, 356 páginas, 1947.

<https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1978->

2005,\_Wojtyla.\_Karol,\_A\_Doutrina\_Da\_Fe\_Segundo\_S\_Joao\_Da\_Cruz,\_P T.pdf